

Conclusão

Ygor Diego Delgado Alves

SciELO Books / SciELO Livros / SciELO Libros

ALVES, Y.D.D. Conclusão. In: *Jamais fomos zumbis: contexto social e craqueiros na cidade de São Paulo* [online]. Salvador: Edufba: Cetad, 2017, pp. 325-332. Drogas: clínica e cultura collection. ISBN: 978-85-232-1859-1. <https://doi.org/10.7476/9788523218591.0009>.



All the contents of this work, except where otherwise noted, is licensed under a [Creative Commons Attribution 4.0 International license](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

Todo o conteúdo deste trabalho, exceto quando houver ressalva, é publicado sob a licença [Creative Commons Atribuição 4.0](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

Todo el contenido de esta obra, excepto donde se indique lo contrario, está bajo licencia de la licencia [Creative Commons Reconocimiento 4.0](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

CONCLUSÃO

Antes de acessar o campo, nosso projeto original era pesquisar o uso controlado de crack entre camadas médias urbanas na cidade de São Paulo, porém, o campo nos levou em outra direção e muito além. Enquanto buscávamos contato com possíveis usuários de camadas médias, nos interessamos pelo campo da região da Luz, mais conhecido como Cracolândia. Lá fizemos nossas primeiras observações ao frequentarmos um bar em frente à Praça Júlio Prestes. Isto antes da implementação do Programa DBA, mais especificamente em fevereiro do ano de 2013. Durante esse campo, pudemos ter nosso primeiro contato físico com a pedra de crack, com o cachimbo e conversar com usuários, além de observar o uso e a repressão policial. Observamos também cenas cotidianas como a da expulsão de usuárias do estabelecimento comercial que tomei inicialmente, como ponto de observação para acompanhar os usuários do outro lado da rua, na mureta da praça. Atualmente, os usuários não frequentam mais o local; o imóvel que abrigava o bar está fechado, disponível para aluguel e o uso ficou restrito ao espaço em frente do Programa DBA, ou em suas proximidades.

Enquanto iniciava minha pesquisa na Cracolândia, surgiu Newman e através dele fui introduzido de modo abrupto e definitivo dentro do universo de uso do crack. Ele era um usuário de classe média e atualmente deixou de usar a pedra, mas através dele pude ter contato com o uso feito por uma população de rua e estes interlocutores se revelaram de enorme ajuda à pesquisa etnográfica. Não apenas por representarem a maior parcela dos usuários das capitais (BASTOS; BERTONI, 2014), mas pela riqueza de informações concentradas em nossas visitas ao campo. Portanto, podemos dizer que seguimos o campo e as possibilidades por ele descortinadas. O mesmo pode-se dizer dos times futebol de usuários de crack e do Programa DBA. Após conhecermos o uso do crack na companhia de Newman,

fomos deixados a sós para continuar nossa pesquisa de campo, quando ele decidiu abandonar o crack. Passamos então, a frequentar as cenas de uso sozinhos e decidimos retornar à Cracolândia, porém, agora munidos da experiência adquirida nas incursões com Newman, assim, pudemos vivenciar a transição da Cracolândia antes e após Programa DBA. No caso dos times de futebol por nós pesquisados deu-se algo semelhante. Em uma palestra por nós ministrada na Liga Acadêmica de Farmacodependência da Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP) e nas reuniões da Associação Brasileira Multidisciplinar de Estudos Sobre Drogas (ABRAMD) Educação realizadas periodicamente na Unidade de Dependência de Drogas (UDED) da UNIFESP, entrei em contato com o orientador socioeducativo responsável pelas oficinas de futebol de um equipamento público destinado à população de rua e, após consulta com nosso orientador resolvemos estender até aí, nosso campo. Portanto, o objetivo inicial do projeto de pesquisa de doutorado, a importância do contexto social no uso do crack em camadas médias urbanas foi modificado pelas possibilidades abertas pelo campo para a importância do contexto no uso por pessoas em situação de vulnerabilidade social. Assim, as “biqueiras” com fumódromo, a Cracolândia, antes e depois do Programa DBA e os times de futebol nos apresentam diferentes contextos relacionados ao consumo do crack.

Até então, havia a crença de que o crack levasse ao isolamento progressivo do usuário até mergulhá-lo na mais deprimente das solidões, acompanhado somente de seu cachimbo e condenado à morte. Com a roda de crack vimos um quadro diferenciado e neste uso coletivo pudemos perceber as nuances antes relegadas ao desconhecimento pelos pesquisadores que tiveram pouca, ou nenhuma possibilidade de vivenciar o contexto de uso. Este contexto é rico em interações humanas fundadas nas mais diversas trocas e possui uma diversificada cultura material, também repleta de expressões próprias, de técnicas de

construção de moradias na rua, ou, por que não dizer, de uma arquitetura singular, além de sérias preocupações quanto à reciprocidade nas trocas. Portanto, podemos afirmar que o uso do crack pode levar a uma vida repleta de sociabilidade, na qual o abandono dos bens materiais pode ser visto como vinculado tanto ao desejo de negociar no circuito da “treta”, quanto ao de participar de uma “*communitas*” de despossuídos.

A grande questão teórica deste livro é sobre a validade da ideia de contexto social para marcar a importância das interações humanas no ambiente de uso, ou a necessidade de abandoná-la após as críticas da TAR. A resposta é não, não devemos abandonar a ideia de contexto social. Aqui, ele não foi tratado simploriamente como mero pano de fundo sobre o qual os atores agiriam, buscamos, ao contrário disto, ir além do social e trazer os não humanos e suas agências para o centro da discussão. Nisto, a TAR pode ser de grande valia aos antropólogos dispostos a enfrentar o desafio de adentrar no mundo das drogas como pesquisadores. Seria uma simplificação por demais injusta crer que trabalhos como os de Becker (2008), Zinberg (1984) e Grund (1993) não fazem mais que estabelecer um pano de fundo ao considerarem o *setting* de uso. O que eles fizeram foi uma busca incessante em estabelecer as conexões sociais do uso de drogas. Mais ainda. Com grande dificuldade, os pesquisadores da área de ciências sociais no país, com destaque ao orientador de minha pesquisa de doutorado, Edward MacRae, vêm nas últimas três décadas, buscando inserir no debate acadêmico e político sobre drogas, uma dimensão do problema quase totalmente relegada pelos profissionais que lidam com o tema e que vá além da ideia simplista de uma droga em contato com o corpo do usuário e de sua psique. Esses estudiosos têm lutado diariamente, para que, cada vez mais, a importância do contexto social seja levada em conta. O Programa DBA é um triunfo prático desta visão. Portanto, deixar de lado este importante aspecto do uso de drogas, ou ter de deixá-lo de lado por querelas acadêmicas, por mais

importantes que elas nos pareçam em determinado estado das ciências sociais é uma temeridade. Como muito bem observou o próprio Bruno Latour:

Com efeito, em muitas situações, recorrer à sociologia do social é não apenas sensato, mas também indispensável, pois ela oferece uma forma prática e oportuna de designar todos os elementos já aceitos na esfera coletiva. Seria tolo e pedante evitar o uso de noções como 'IBM', 'França', 'cultura maori', 'mobilidade ascendente', 'totalitarismo', 'classe média baixa', 'contexto político', 'capital social', 'enxugamento', 'construção social', 'agente individual', 'motivações inconscientes', 'pressões do grupo' etc. (LAYOUR, 2012, p. 31)

Se for para sermos sensatos, como nos aconselha Latour, devemos levar em conta que, na situação atual do debate sobre drogas no Brasil, ainda temos muito que trabalhar para que a ideia de contexto social seja aceita por aqueles que estudam e trabalham na área das drogas. Mais ainda, caso quiséssemos condenar os trabalhos realizados a partir das pesquisas de Howard Becker, estaríamos talvez incorrendo no erro de querermos ser mais realistas que o próprio rei, haja visto o relacionamento e colaboração constante entre Howard Becker e Bruno Latour. 'Howie' Becker, como carinhosamente o trata Latour nos agradecimentos de *Reagregando o social* foi um dos responsáveis por discutir o rascunho desta obra e perguntado em uma entrevista sobre o trabalho de Latour, Becker respondeu:

Eu pensava que ele estivesse fazendo a mesma coisa com respeito à ciência que eu havia tentado fazer com respeito à arte no livro *Art Worlds*. Você sabe, que o objeto científico, tal qual o objeto de arte, é uma criação de todo aquele envolvido, que teve algo a ver com ele e então há este processo como o processo que ele descreveu em *Ciência em Ação*, onde o destino do resultado está nas mãos das pessoas que o buscarem. Então, para mim pareceu que estávamos fazendo a mesma coisa. [...] Mas ele e eu nos tornamos *good buddies*. (BECKER, 2005, tradução nossa)

Para além destas importantes questões teóricas e mesmo políticas, relacionadas às drogas, e a contribuição que a antropologia possa dar ao debate em torno do tema. Faz-se necessário fazermos aqui algumas considerações mais gerais. O crack, para infelicidade de seus usuários, ganhou notoriedade e tornou-se fonte de renda para empreendedores dispostos a oferecer serviços dedicados ao “tratamento”. Com apoio estatal criou-se um negócio lucrativo e sem riscos, no qual o poder público envia atualmente milhares (BERGAMIM JUNIOR, 2014) de usuários para serem “tratados” e engordarem os bolsos dos donos de clínicas, um verdadeiro complexo industrial do abuso de drogas. (ZINBERG, 1984, p. 211) Isto não seria possível sem certas crenças criadas desde o início da chamada “Guerra às Drogas” no governo do presidente norte-americano Ronald Reagan. A primeira delas é a de que, com menos usuários nas ruas teremos uma menor quantidade de uso abusivo. No caso do crack, isto se dá de modo mais dramático por se desconsiderar a possibilidade de qualquer uso não abusivo da substância. Portanto, fica mais forte a ideia de que se punindo os usuários e reduzindo-se pela repressão a disponibilidade da droga combate-se uma suposta epidemia. Não se acredita, ou melhor, se desconhecem os controles sociais informais que poderiam ser fomentados e se considera que todos que usam crack são necessariamente abusadores.

Porém, iniciativas como o Programa DBA nos mostram como controles sociais formais razoáveis podem interagir perfeitamente com rituais e sanções responsáveis por estabelecer controles sociais informais, vimos algo semelhante também nas equipes de futebol. À máxima dos craqueiros “usar sem ser usado”, o Programa DBA acrescentou uma série de preceitos quanto ao cumprimento de horários e comparecimento a certas atividades; isto ajuda a compor uma série de pressões no sentido de assumir certo padrão mais discreto de uso. Os controles informais passam, portanto, a atuar no sentido do pensar a respeito de

qual droga será usada (crack ou Corote?), onde (fora da quadra e do trecho do Programa DBA?); Quando (antes ou depois do jogo ou do trabalho?); Como (ingerindo álcool a partir de uma garrafa PET ou fumando na lata?); e com quem (sem os colegas de trecho e equipe de futebol ou com eles?). Questões estas, críticas para o desenvolvimento de controles informais.

Estes controles informais podem ser considerados em sua relação com os controles formais, não especificamente sobre o uso, mas presentes no cotidiano estruturado. Vemos abaixo, uma ilustração das diferenças entre a “*communitas*” dos usuários de crack e a estrutura proporcionada pelo Programa DBA e pelos times de futebol. A primeira, a “*communitas*”, marcada pelas tentações da liberdade e igualdade. Já os contextos estruturados, próprios das pessoas sociais, são marcados pela hierarquia e submissão à autoridade formal. O desafio está em fazer da promessa de futuro e dos novos vínculos, algo tão ou mais atraente que a satisfação imediata e as conexões disponíveis no “fluxo”.

Figura 43 – “*Communitas*” e Estrutura como contextos diferenciados



Fonte: Coleção particular do autor.

Além de apontar a existência de controles informais sobre o uso do crack este livro procurou observar o que ocorria de fato, nas cenas de uso, sem preocupar-se em fazer um discurso antidrogas, ou em desencorajar seu uso. Se partíssemos do pressuposto do uso de substâncias tornadas ilícitas serem um mal absoluto a ser combatido de todas as maneiras, teríamos feito um estudo mais dedutivo que indutivo. Nada do exposto aqui foi elaborado sem ter saído da interlocução no campo. Distorcer os fatos observados e elaborados a partir do campo, em nome do apoio ao discurso de condenação ao uso de drogas ilícitas, nos colocaria sob o risco de ficarmos desmoralizados frente aos usuários e potenciais usuários quando percebessem nossa falsificação. Mais que isto, eles poderiam passar a desconfiar de qualquer discurso sobre as consequências danosas do uso do crack que por ventura pudéssemos vir a proferir. Certamente, o consumo do crack pode trazer danos terríveis, mas em certos contextos, seu uso pode ser diminuído e mesmo administrado de modo mais controlado e até ser uma maneira de se buscar uma certa vida comunitária. Estes dados deveriam ser levados em conta ao se elaborar estratégias para lidar com o uso compulsivo, mesmo se considerarmos que boa parte do dano causado pelo crack venha de seu *status* ilegal.

Consideramos que prevenir os danos e riscos mencionados acima, provenientes do uso “forte” de crack, será mais importante do que prevenir a experimentação da substância. Mas isso requer uma mudança das condições promotoras de modos deletérios de uso e passa pela manutenção das condições propícias à manutenção do controle, como faz o Programa DBA. Infelizmente, a mudança do uso de crack para o uso da maco-nha, por exemplo, uma droga pouco danosa à saúde física ou mental, não pode ser encorajada oficialmente por pairar ainda sobre a *cannabis* a espada do proibicionismo. Além disto, acreditamos que, no âmbito do Programa DBA e da oficina de futebol por nós pesquisados, os controles informais devem ser

instituídos pelos próprios usuários. Assim, o que se pode fazer é fornecer ambientes mais propícios ao seu desenvolvimento.

Para se ter uma visão realista do uso do crack, deve-se considerar inclusive seus benefícios, como fizemos. Usar crack é importante para se manter acordado no ambiente hostil da rua e é uma maneira de construir amizades e de estar próximo a pessoas em situação similar. O crack faz as pessoas permanecerem juntas; reúne e une. Em seu entorno, uma série de atividades preenche uma rotina que, caso contrário, poderia ser marcada pelo mais profundo tédio e solidão. Portanto, concluímos que nem todo uso não prescrito medicamente de drogas, mesmo do crack nas ruas, deve ser visto como essencialmente destituído de um propósito válido.